

“ESTAMOS A TRABALHAR PARA QUE OS MÉDICOS DENTISTAS POSSAM TER ESTA COMPETÊNCIA EM HARMONIZAR, EQUILIBRAR O ROSTO DOS NOSSOS PACIENTES”

A harmonização orofacial começa-se a desenhar em Portugal, com um trabalho conjunto da APHTOF com a Ordem dos Médicos Dentistas para regulamentar a competência que já se encontra em funcionamento no Brasil. Apesar da evolução dos biomateriais, continua a ser essencial a formação e a entrega de materiais com a transmissão máxima de conhecimentos para a segurança dos pacientes

O I Simpósio Internacional de Harmonização Orofacial, da Associação Portuguesa de Terapêutica e Harmonização Orofacial (APHTOF), teve lugar no passado dia 16 de setembro, no Hotel Fénix, em Lisboa.

O evento científico, que contou com a co-organização do I Simpósio Internacional de Ciência e Tecnologia em Biomateriais para Harmonização Orofacial (BioHof International Symposium), pretendeu reunir especialistas, investigadores e profissionais para aprender, partilhar e celebrar conquistas, assim como abordar os desafios superados até ao momento e o futuro que se desenha para a harmonização orofacial em Portugal.

A Dra. Virgínia Santos, Presidente do I Simpósio Internacional de Harmonização Orofacial APHTOF, apontou para um “crescente de pacientes”, com uma sociedade cada vez mais focada na comunicação e na imagem pessoal.

Para a médica dentista, ficou patente que esta área é cada vez mais necessária “para melhorar, para acabar, para finalizar alguns dos nossos tratamentos, quer na parte da reabilitação oral, ortodontia ou outras áreas da medicina dentária”.

A manhã do I Simpósio ficou também marcada pela apresentação da Dra. Augusta Silveira, médica dentista e professora associada da Faculdade Fernando Pessoa, e da Dra. Sofia Lopes, formadora na área de Harmonização Orofacial desde 2019, com o tema ‘Anatomia do Envelhecimento Facial’, onde foram apresentados casos de estudo e exemplos práticos do recurso à harmonização orofacial.

“A harmonização passa por criar equipa de aliados entre a medicina dentária, as ciências biomédicas e as ciências médicas”, começou por explicar a Dra. Augusta Silveira. Ao *JornalDentistry*, a médica dentista revelou que “os pacientes acabam por procurar muitas vezes pelo sorriso e depois acabam por ser levados para um outro patamar que é reestruturar toda a face”.

Quando o tema é envelhecimento, 20% tem origem genética, mas a percentagem sobe para 80% no caso da epigenética. Perante este cenário, a Dra. Sofia Lopes defendeu a importância de compreender as diferentes camadas da face de forma a trabalhar os diversos planos, sendo que, apesar do envelhecimento da cavidade oral não estar relacionado diretamente com a idade, é responsável por provocar algumas perturbações. Para o trabalho de harmonização orofacial, defendem as médicas dentistas, é necessário um conhe-



cimento ao nível da anatomia da face e um aconselhamento médico-dentário prévio, fundamental para o procedimento estético.

Ao nível dos conhecimentos sobre a competência, os pacientes que chegam aos gabinetes de medicina dentária reúnem já alguma informação sobre o tema que pode nem sempre ser credível, sustentada e próxima da realidade. “Estão cada vez mais preocupados em perceber bem o que lhes queremos transmitir, o porquê das coisas, não só o que-ro fazer, mas também o porquê de querer fazer e pedir-nos a recomendação. Estão cada vez mais preocupados com quem pode fazer, se é uma pessoa credenciada, se tem formação para...Acho que essa é a grande preocupação dos pacientes”, considera a Dra. Augusta Silveira.

Para a Dra. Virgínia Santos, “os pacientes têm que sentir que vêm fazer à sua medida”. Na sua intervenção sobre ‘A importância da harmonização orofacial na medicina dentária atual’, a Presidente da APHTOF considerou que o trabalho do médico dentista nesta área de atuação passa por compreender as queixas dos pacientes, perceber em que camada se pode atuar e apresentar uma estratégia de planeamento do tratamento.

Em determinados casos, a medicina dentária pode trabalhar em sintonia com outras especialidades ao tratar e

referenciar pacientes. “A parte estética está casada com a parte terapêutica”, frisou.

A linha que separa a harmonização orofacial da medicina estética

Com o objetivo de procurar um equilíbrio entre a relação estética e funcional, um dos temas em discussão passou pela distinção entre harmonização orofacial e a medicina estética. Na ótica da Dra. Virgínia existe “uma baliza segura da parte cirúrgica extra oral. Nós apelidamos a esta nossa vertente da medicina dentária harmonização orofacial e não





medicina estética exatamente para não colidir e para que haja aqui alguma diferença. Na sua base estamos a falar da mesma coisa, em harmonizar, em querer o melhor da base estética do sorriso do paciente, mas com abordagens distintas”, esclareceu.

Atualmente, o médico dentista “não terá essa competência de trabalhar cirurgicamente fora da boca”.

Na perspetiva da Dra. Aline Raybolt, Presidente do I Simpósio Internacional Harmonização Orofacial BioHof, as áreas são complementares, uma vez que a “cirurgia segue como uma complementação do que não pode ser resolvido com a estética orofacial”.

A evolução dos biomateriais

“Os materiais têm evoluído muito, quer no que diz respeito à sua durabilidade, à sua biocompatibilidade, quer em relação à sua diversidade. Cada vez mais estamos a crescer de não estar a volumizar demasiado os nossos pacientes, mas sim a bio-estimular aquilo que têm ou que estão a perder”, contextualizou a Dra. Virgínia, enaltecendo os menores riscos e contra-indicações, fruto de uma evolução “muito grande em termos de técnicas”.

A evolução representa muitas vezes “um complemento de técnicas que vêm ajudar” nalgumas questões, considerou a Dra. Augusta Silveira, com a ciência a avançar num sentido de “maior comodidade para o paciente e para o profissional, com menor esforço e maior vantagem terapêutica.” A Dra. Virgínia rematou: “Quer em termos de durabilidade, quer em termos de novas técnicas e novos produtos eu diria que, se calhar, mensalmente há uma novidade”.

A escolha dos biomateriais deve ser, contudo, uma escolha consciente, com conhecimento. No Brasil, um dos pontos de discussão levantados pela Dra. Aline passa pela necessidade

de entregar materiais com toda a informação necessária para a sua aplicação. “As empresas, muitas que já estão no mercado há algum tempo, não têm, não entregam formações completas sobre os materiais que usamos”, alertou.

O conhecimento mais aprofundado do material poderá trazer a vantagem de “criar um protocolo de injeção para cada tipo de tratamento”.

O caminho para a regulamentação

No Brasil, a harmonização orofacial está já uns passos à frente. “A harmonização orofacial já é reconhecida pela nossa instituição maior, que é o Conselho Regional de Odontologia. Os pacientes, por conta dessa regulamentação, eles também passam a acreditar no profissional e na especialidade”, explicou a Dra. Aline Raybolt.

Portugal está atualmente num processo de regulamentação da competência que, sublinhou a Dra. Virgínia Santos, tratar-se-á “sempre uma competência setorial.”

“Nunca vai ser um especialista em, vai ser um competente em. Estamos junto da Ordem [dos Médicos Dentistas] a trabalhar nesse sentido para que os colegas médicos dentistas possam ter esta vertente, esta competência em harmonizar, em equilibrar o rosto dos nossos pacientes”, acrescentou.

Para a Dra. Aline Raybolt, a regulamentação tem levado à criação de “regras, limitações e credibilidade”. O documento que definiu a regulamentação no Brasil surgiu a 2 de fevereiro de 2019, após três regulamentações, com uma primeira autorização para a harmonização orofacial terapêutica, onde apenas era permitido trabalhar ao nível da toxina botulínica terapêutica para o tratamento de disfunções, parafunções, bruxismo. A área de atuação foi depois ampliada: “O nosso segundo passo vai ser incluir a cirurgia estética facial nes-

te role de procedimentos que são permitidos pelo nosso Conselho Federal de Odontologia. Aqui em Portugal acho que vai seguir o mesmo caminho porque eu entendo que é um caminho mais seguro, é um passo de cada vez”, acredita a médica dentista.

Levar a Harmonização Orofacial mais além

O I Simpósio Internacional de Harmonização Orofacial, da Associação Portuguesa de Terapêutica e Harmonização Orofacial contou com cerca de 120 inscrições, num evento que teve em vista uma “introdução à harmonização orofacial do médico dentista”, como detalhou a Dra. Soraya Dieb, Presidente da Comissão Organizadora.

“Para quem está ainda a acolher a Harmonização orofacial em Portugal é muito importante começar com segurança, com o conhecimento diferente que toda esta área envolve”, reiterou, reforçando uma das mensagens transmitidas ao longo do evento.

“Foi um prazer e um orgulho muito grande poder participar neste evento com a co-organização do BioHof com a APHTOF”, reforçou a Dra. Aline, que enalteceu a discussão/análise sempre de “base científica”.

Para o futuro, os próximos passos da realidade portuguesa passam pela regulamentação da competência do médico dentista ao nível da harmonização orofacial. “Não é um caminho muito fácil, sabemos que tem uma boa aceitação e cada vez mais o médico dentista que era mais cético toma consciência que é uma área importante e de grande competência”, concluiu a Dra. Soraya Dieb. ■

Marta Quaresma Ferreira

